

«Voltar é sentir um coração que sangra» (p. 41), que não cessa de sangrar, mas que se emociona ao sofrer. Neste livro, repete-se este árduo convívio com a ausência ou com o afastamento. Não se escondem as diferenças e as incompreensões, tão profundas que ajudaram a valorizar a reaproximação. Cada um sem desistir de ser o que é, mas a tentar compreender o outro, sem o anular.

Por fim, socorremo-nos novamente do livro *O Ano da Morte de Ricardo Reis*: «um

pai nunca sabe para o que cria uma filha». Não sabemos se Saramago alguma vez imaginou que a filha escrevesse um livro tão confessional e autobiográfico. Se o pudesse ler, acreditamos que o criticaria ao seu estilo, mas certamente que permitiria essa liberdade de expressão e de sentir, o que corre por dentro, entre coragem e sofrimento. Talvez repetisse as breves palavras de 2012: «Em suma, estou contente». E nós, leitores, agradecemos este bordado de palavras!

PULEO, ALICIA H., ED. (2020). *SER FEMINISTAS. PENSAMIENTO Y ACCIÓN*. ILUSTRAÇÕES DE VERÓNICA PERALES. MADRID: EDICIONES CÁTEDRA. (FEMINISMOS 30 AÑOS)

ANNE MARTINA EMONTS*

O volume *Ser Feministas*, editado por Alicia Puleo, comemora e celebra o trigésimo aniversário da Coleção *Feminismos*, e reúne, em forma de dicionário o trabalho de 43 autores e autoras, um prólogo da editora e 41 entradas. A estética edição de cor violeta foi ilustrada por Verónica Perales, que introduz através dos seus desenhos uma reflexão antropológica a respeito do significado da metáfora-chave dos seus desenhos: o cabelo.

O *continuum* feminista, assim afirma a editora, é salvaguardo pela intenção de pôr à disposição do público de hoje um *corpus* de teoria feminista clássica e, simultaneamente, um *corpus* contemporâneo. Ou seja: para além da apresentação de conceitos consagrados da história dos feminismos, como por exemplo «Androcen-trismo», «Brecha Salarial», «Género» ou

«Violencia contra las Mujeres», devidamente acompanhados por uma breve bibliografia clássica e atualizada, encontram-se entradas que procuram fazer jus aos desenvolvimentos mais recentes dos feminismos: «Brecha digital», «Emergencia climática», «Empoderamento» ou «Mansplaining», igualmente acompanhadas por pistas bibliográficas recentes.

A obra integra também biografias e fotografias dos/das autores/as. Os desenhos de Verónica Perales ultrapassam a propriedade de meras ilustrações: tornam-se — para além de fazerem do contacto com o livro uma experiência estética — um necessário complemento aos pensamentos feministas representados no presente volume.

Dispomos, desta forma, de uma há muito desejada continuação modernizada

* CECC-UCP Lisboa/UMa.

DOI: <https://doi.org/10.21747/2182-1097/cem15r3>.

do trabalho científico implicado na edição do *Dicionário de Crítica Feminista* de 2005 organizado por Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral. O que move os/as autores/as é revelado pela editora no seu prólogo: «La energia de las voces de miles de mujeres de diferentes edades, origenes y

épocas nos une y enorgullece y, lo que es aún más importante, nos llama a proseguir nuestro camino emancipatorio». Os/as autores/as conseguem, então, «decir mucho em poucas líneas» — que, em boa verdade, é o fundamental perante a necessidade de conciliar o pensamento com a ação.

LAGE, MARIA OTÍLIA PEREIRA; LAGE, DIANA MARIA PEREIRA BESSA (2016). *DUAS VEZES ÁGUA*. ILUSTRAÇÕES DE HELDER CARVALHO. PORTO: [S.N.]

FRANCISCO TOPA*

De há umas décadas a esta parte vem-se institucionalizando o reconhecimento do potencial criativo das crianças, sobretudo ao nível das artes plásticas. Para além da prática de muitos pais de guardarem desenhos e outros trabalhos plásticos dos seus filhos — recolha muitas vezes devolvida (e esquecida) quando estes atingem a condição adulta —, tem havido esporadicamente experiências que vão mais longe: refiro-me sobretudo à exposição de trabalhos fora do contexto escolar, acompanhada de debates. Algo de semelhante vem acontecendo com textos escritos (ou ditos) por crianças: há pais que guardam registos dos filhos em que reconhecem uma originalidade ou um fulgor inesperado; há educadores de infância e professores dos primeiros níveis de escolaridade que fazem o mesmo e que chegam a publicar recolhas com esses trabalhos. Em Portugal, tem-se destacado o Instituto Piaget, que lançou em 1989 um concurso poético que, entretanto, deu origem a uma longa série de volumes do *Cancioneiro infante-juvenil para a língua portuguesa*. Mas, se poucos ficarão indife-

rentes perante algumas das «pérolas» que aí se encontram e se todos reconhecemos a importância de tais práticas para a formação linguística e estética das crianças, a verdade é que o consenso desaparece quando se discute o estatuto poético de tais textos ou o estatuto artístico dos trabalhos plásticos atrás referidos. É que, embora os conceitos de poesia e de arte sejam um tanto flexíveis e variem de acordo com as épocas e com as crenças individuais, a importância que se atribui à consciência criadora ou à consciência experimental quase sempre deixa de fora os trabalhos infantis.

Vem isto a propósito do interessante (e inovador) volume *Duas vezes água*, marcado desde o título por uma dualidade que é mais aparente do que efetiva. Como explica a primeira autora na *Dedicatória*, trata-se de um livro a duas mãos, escrito ao longo de quase 40 anos, num intenso diálogo poético-musical entre um adulto e uma criança, entre uma mãe (Otilia) e uma filha (Diana, nome cujo significado etimológico é usado como título do livro).

* Universidade do Porto/CITCEM. Email: ftopa@letras.up.pt.
DOI: <https://doi.org/10.21747/2182-1097/cem15r4>.